

humanitas

Vol. XXIX-XXX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXIX-XXX



COIMBRA

MCMLXXVII-MCMLXXVIII

mentre è una exceção [?] e per giunta deplorable; esso ilustra il compianto per la morte di T. Tazio ed è costruito secondo tutti i dettami del pathos, com una serie di parole allitteranti da un capo all'altro del verso e con cinque *t* per sovrappiù; essendo un verso del I libro, si può pensare che fu un esperimento, anche se fallito.» Porquê tanta perplexidade (pp. 87/88) perante *aeternum* do frg. 49 (52 Vahlen) *aeternum teritote diem concorditer ambo*, se a palavra é, como diz, «un accusativo con valore avverbiale» (cf. *Georg.* 2. 400, *Aen.* 6. 617) e significará, portanto, 'para sempre'? É interessante, pelo contrário, a segunda parte do comentário a *face* do frg. 16 (30 Vahlen) *face uero | quod tecum precibus pater orat*: «qui forse viene applicato il principio della mimesi linguistica: trattandosi di una discussione «in famiglia» il linguaggio è colloquiale» (citam-se, a propósito, Plauto, *Aul.* 153, *Cas.* 353, 637, *Epid.* 39, e Terêncio, *Andr.* 821).

Encerram este livro, prestimoso, uma tábua de confrontos com as edições de Vahlen, Valmagggi, Steuart e Warmington, e uma extensa bibliografia, só parcialmente aproveitada, contudo, ao longo do trabalho.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

ALDO SETAIOLI — **Il proemio dei «Carmina» oraziani.** Estratto dagli *Atti e memorie dell'Accademia Toscana di Scienze e Lettere La Colombaria* 38 (1973). Firenze, Leo S. Olschki Editore, 1973. 59 pp.

Em um breve ensaio intitulado *Τίς ἀριστος βίος. Interpretazione della prima ode*, que o seu autor viria a republicar como apêndice a *Orazio e l'ideologia del principato* (Torino, 1963, pp. 203-224), La Penna aventou a hipótese de que a ode *Maeceenas atavis edite regibus* remontasse a um escrito de natureza protréptica. Para corroborar esta opinião, e fundamentar algumas propostas de interpretação da ode, Setaioli procedeu a um balanço sumário da literatura proemial e protréptica — tomando em conta os passos em que figura, como na composição horaciana, uma simples contraposição (29 *ME doctarum hederæ præmia frontium | dis miscent superis*) ou uma «Priamel» onde os exemplos constitutivos são figuras de representantes de actividades, profissões, vocações diversas.

O inventário dos textos literários abrange exemplos famosos, como, entre os autores gregos, Arquíloco 19 West, Tirteu 12 West, Safo 16 Lobel-Page, Anacreonte 16 Page, Píndaro *O.* 1.1 ss., 2.1 ss., *N.* 7.5 ss., *I.* 5.1 ss., 7.1 ss., Ésquilo *Coeph.* 585 ss., Sófocles *Ant.* 332-333; e, entre os latinos, Lucrécio 2.1-60, Horácio *Carm.* 3.1, Tibulo 1.1, Propércio 2.1.43-46, 3.22, Pérsio *Chol.* (que Setaioli considera justamente um proémio e não um epílogo), Marcial *Spect.* 1 — quanto basta para assegurar a vitalidade e a extensão do tema. Uma rápida análise de certos textos técnicos helénicos — *Eutidemo* de Platão (278-282), *Protrépticos* de Aristóteles (frgs. 3, 6, 7, 10a Walzer), Galeno (caps. II e IX), Clemente Alexandrino (1.2.4, 10.100.4) e Temístio

(Or. 24) — confirma que «entre os motivos protrépticos que tiveram influência nos proémios não faltam certamente alguns daqueles que passaram para a ode 1.1 de Horácio, a qual também por esta via se configura mais claramente na sua natureza de proémio» (p. 31). O prefácio do *De agri cultura* de Catão, os do segundo e terceiro livros do *De re rustica* de Varrão, o de *De re rustica* de Columela exaltam a superioridade da agricultura sobre outras actividades humanas, como Cícero, no proémio do *De oratore*, encarece o valor da eloquência sobre os estudos matemáticos, musicais, gramaticais, até poéticos, e Salústio, no prólogo do *De coniuratione Catilinae*, considera que «escrever história é mais digno e mais útil do que participar na corrupta vida política do seu tempo» (p. 37). Há poucos vestígios do processo nas teorias retóricas da antiguidade, mas não escasseiam exemplos «na prática dos oradores, e antes de mais nos proémios de um autor destinado a exercer a maior influência na prosa de arte sucessiva: Isócrates» (p. 38).

Verificando, deste modo, que o proémio horaciano se insere em toda uma tradição formal e de conteúdo, Setaioli sente-se autorizado a extrair do facto algumas conclusões: todas as figuras que Horácio faz desfilar ao longo da ode estão presentes em grande número de textos do género dos examinados, tanto poéticos como prosaicos (p. 41); ao contrário do que pensava Norberg, o tipo do atleta não deriva de Píndaro: é um elemento que aparece nas listas, desde Tirteu a Libânio e Sinésio (p. 43); as competições olímpicas, nota obrigada destas séries, haviam perdido muito do seu esplendor no tempo de Horácio (pp. 43-44); contra Wilamowitz, que afirmou que, para cada um dos quatro *βίοι* assinalados na ode, o poeta dera dois exemplos, um grego e um romano (para o *φιλότιμος βίος*, o auriga e o político; para o *φιλοχρήματος*, o mercador e o latifundiário; o bebedor *φιλήδονος* seria comum aos dois povos; o caçador, grego; o soldado, romano; o *φιλόσοφος βίος* seria representado só pelo poeta), pode garantir-se que, à parte o caso do auriga olímpico, Horácio atendia principalmente à realidade romana (pp. 44-45); a figura do caçador, como outras da ode, é uma «caricatura leve» (La Penna), sobre que Horácio não insiste em tom de desprezo ou de condenação (pp. 45-48); uma ironia discreta e benévola envolve os tipos considerados, excepto o representante do *φιλήδονος βίος*, o bebedor simpático ao epicurismo horaciano, e obviamente o poeta, contraposto a todos os exemplos precedentes. «Horácio exalta, portanto, acima das actividades reconhecidas como válidas pelos tradicionalistas e pela própria política, uma vida dedicada ao *otium* e, no âmbito deste, não aos exercícios considerados geralmente honrosos, como as armas e a caça, mas à contemplação e à poesia. A reversão de valores não poderia ser mais completa.» (p. 58) Apenas uma geração atrás, Cícero tivera de justificar, perante os juízes, na defesa de Árquias, o seu amor à poesia. «Horácio vive em um período em que o *otium*, dantes reconhecido apenas como antítese do *negotium*, adquire pouco a pouco, em absoluto, dignidade e valor como ideal contemplativo, ao ponto de se tornar bem depressa um lugar-comum. Com Augusto completa-se de facto — insensivelmente, mas talvez por isso mesmo de modo mais profundo e irreversível — a grande revolução que abraça toda a vida e todos os valores da sociedade romana.» (p. 59)

O estudo de Setaioli pode dizer-se formativo e bem informado: de lamentar, apenas, que não esteja, por vezes, melhor distribuído. Certas insistências (didácticas?) da exposição ganhariam em ser eliminadas e preenchido o seu espaço com elementos relegados para as notas, que, por serem quase sempre muito extensas

(há casos de 2/3 linhas de texto para 38/40 de notas!), fatalmente dispersam e desalentam a atenção do leitor. E é pena, na realidade, que tal aconteça: a grande maioria dessas notas não é gratuita nem pecadamente erudita — suporta a demonstração do texto principal.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

Grammatici latini d'età imperiale. *Miscellanea filologica.* Genova, Istituto di Filologia Classica e Medievale [dell'Università], 1976. 237 pp.

Com a participação de numerosos docentes das Universidades de Bolonha, Florença, Génova, Milão, Nápoles, Palermo, Perúcia, Roma e Turim, realizou-se em 21 e 22 de Fevereiro de 1975, no Instituto de Filologia Clássica e Medieval da Universidade de Génova, o terceiro ciclo das *Giornate Filologiche Genovesi*, consagrado aos gramáticos latinos da época imperial. O presente volume — artificialmente dividido em duas secções, *Relazioni* e *Comunicazioni*, conforme cremos, os textos foram ou não lidos e discutidos em sessão plenária — reúne todas as contribuições apresentadas por escrito. Este critério obrigou a excluir a comunicação de Nino Marinone, da Universidade de Turim, que se limitara a fazer uma exposição oral. (Cremos, no entanto, que da mesma deveria figurar, pelo menos, um resumo. Mas a exclusão foi tão categórica que nem ficámos a conhecer sequer o tema da comunicação!)

Giusto Monaco ocupou-se brevemente de *Quintiliano e i composti latini* (11-16), com o propósito de esclarecer um passo controverso (1.5.65-70) do gramático hispânico. Mais extensamente, Giovanni Pascucci estudou *Valerio Probo e «i veteri»* (17-40), para concluir que Probo, longe de ser um *sospitator ueterum* (Dal Bione) ou um precursor do movimento arcaizante, «foi de algum modo um historiador da língua, *ante litteram*, quer pela amplitude das suas explorações, quer pela tendência para relacionar o contraste entre formas arcaicas e modernas com o desenvolvimento diacrónico do latim». Mais dilatada ainda se apresenta a comunicação de Francesco Giancotti sobre *Aerea uox. Un frammento attributo da Servio a Lucrezio e consimili espressioni di altri poeti in Macrobio, Servio e altri* (41-95). Na opinião do autor, o testemunho de Sêrvio permite determinar: «o mais notável dos fragmentos lucrecianos; um dos principais casos de imitação de Homero por parte de Lucrécio; a maior das expressões lucrecianas reproduzidas por Virgílio; — um momento importante na longa história de um motivo que do epos homérico se propaga até às literaturas modernas.» Giuseppe Morelli, que prepara uma nova edição do *De metris Horatianis* de Atilio Fortunaciano, propôs várias correcções ao texto deste gramático em *Il proemio del De metris Horatianis di Atilio Fortunaziano e un frammento di Lucilio* (99-113). Trata-se de um hexâmetro (1111 Marx = 1122 Krenkel), que Morelli, em nosso entender correctamente, lê deste modo: <illis> *archaetypis, unde haec sunt omnia nata.* Alberto Grilli tomou à sua conta a *Interpretazione di Papia AE 67, aera* (115-122), que envolve uma exegese geométrica, de remota origem